

Eventos climáticos extremos reforçam a importância da adaptação das cidades

Carolina Paz Comerlatto / 27 de maio de 2024

Sustentabilidade | Pesquisadores apontam que políticas locais e nacionais precisam acompanhar o novo panorama climático

*Foto: Flávio Dutra/JU

Para além dos eventos climáticos extremos, o impacto das cheias no Rio Grande do Sul está diretamente relacionado à preparação – ou à falta de preparação – das cidades para lidar com as dinâmicas da natureza. Após a cheia histórica de 1941, um sistema de prevenção de 14 comportas, 68 km de diques e 23 casas de bombas foi construído – e não foi somente a falta de manutenção que resultou na sua falha.

O Guaíba recebe o aporte de quatro bacias hidrográficas (Jacuí, Sinos, Caí e Gravataí) e desemboca na Lagoa dos Patos. As características geomorfológicas específicas da região – que explicam a dificuldade de classificação, por exemplo – contribuem para que chuvas intensas nos municípios banhados por esses corpos hídricos impactem diretamente outras localidades do estado. São causas humanas, entretanto, o que mais acentua esses impactos.

Segundo o professor do departamento de Geografia da UFRGS Luís Alberto Basso, “essas bacias foram impermeabilizadas com as construções das cidades”. O desmatamento da mata ciliar, por exemplo, acelera o acúmulo de sedimentos e o processo de assoreamento dos rios, o que facilita o ocasionamento de enchentes. Para ele, diante da atual catástrofe, devemos nos inspirar em “experiências que deram certo em outros locais” e adequar à realidade da região. No Brasil, entretanto, a adaptação das cidades para enfrentar cataclismos parece retroceder.

Preservação flexibilizada

De acordo com o Código Florestal, as faixas marginais de cursos d’água são áreas de preservação permanente. Isso levaria à proibição de construção em uma largura mínima de 30 metros, a ser aumentada de acordo com a largura do rio, lago ou nascente. Ainda que já fosse flexibilizada, em 2019 a situação se agravou. A lei n.º 14.285, sancionada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, alterou o código e passou a permitir que os limites das áreas de preservação fossem determinados nos planos diretores e nas leis municipais de uso do solo. A partir disso, parcerias público-privadas, como a construção do “novo Cais Mauá” e o projeto da Fazenda do Arado foram facilitadas pela prefeitura de Porto Alegre.

Conforme aponta o engenheiro ambiental Iporã Possanti, “não temos mais um desastre ambiental, mas humanitário”. Projeções do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC) alertam para o aumento da intensidade e da frequência de eventos extremos como consequências da mudança do clima, que é provocada pela ação humana. Nesse sentido, Iporã pontua que, no caso do Rio Grande do Sul, não devemos falar em reconstrução, mas em adaptação: “Enchentes piores estão por vir”.

Algumas inspirações

Mundo afora, diversos países caminham em direção ao desenvolvimento de cidades resilientes. As cidades-esponja, por exemplo, envolvem todo o ciclo hidrográfico e protegem o espaço tanto em caso de enchente quanto de estiagem. Na escala urbana, algumas das medidas propostas são calçamentos permeáveis, tetos-verdes e praças alagáveis.

Em entrevista ao podcast O Assunto, a arquiteta Taneha Bacchin falou sobre a possibilidade de o modelo ser aplicado em Porto Alegre. Segundo ela, áreas de mananciais podem ser recolocadas e são de fundamental importância em localidades como a Orla do Guaíba, para que o lago se acomode no caso de uma grande cheia. Juntamente de áreas de transição, medidas em diferentes dimensões do espaço auxiliam o sistema de amortecimento das águas e de gestão da drenagem.

Nessa perspectiva, Iporã argumenta que devemos “escutar as pessoas que sabem ler a paisagem”. Segundo ele, as cidades no Rio Grande do Sul foram construídas muito rapidamente, com uma “visão europeia de colonização, sem entender como a paisagem funciona”. Para o hidrólogo, atentar-se às especificidades locais, como a topografia, é o que contribui para o desenvolvimento de cidades seguras. No caso de Porto Alegre, investir em “aprendizado, adaptação e respeito à natureza” é uma maneira de começar.

:: Posts relacionados



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



O sistema de proteção contra inundações de Porto Alegre



Carta aos leitores | 05.06.24

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental

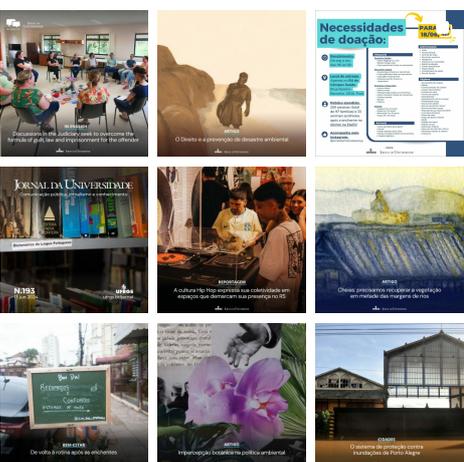


Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow



View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE



CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br